

Educação e práticas escolares ribeirinhas: apontamentos da literatura sobre aspectos socioculturais, dificuldades e a valorização das comunidades ribeirinhas nas práticas educativas

Education and riverside school practices: notes from the literature on sociocultural aspects, difficulties and the appreciation of riverside communities in educational practices

Educación y prácticas escolares ribereñas: apuntes de la literatura sobre aspectos socioculturales, dificultades y valoración de las comunidades ribereñas en las prácticas educativas

Nanci Costa Leite¹ , George Saliba Manske² , Paulo Rogério Melo de Oliveira² 

¹ Faculdade Católica de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, Brasil.

² Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, Santa Catarina, Brasil.

Autor correspondente:

George Saliba Manske

Email: gsmanske@yahoo.com.br

Como citar: Leite, N. C., Manske, G. S., & Oliveira, P. R. M. (2024). Educação e práticas escolares ribeirinhas: apontamentos da literatura sobre aspectos socioculturais, dificuldades e a valorização das comunidades ribeirinhas nas práticas educativas. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 17(36), e21022. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v17i36.21022>

RESUMO

Inseridos no campo dos Estudos Culturais buscamos compreender como se relacionam as práticas educativas escolares de populações ribeirinhas com os aspectos culturais destas comunidades. A partir de uma pesquisa bibliográfica de revisão da literatura no site periódicos CAPES no período de 2017 a 2022 se estabeleceu o material empírico composto de 12 artigos para análise. Utilizando a análise de temática se organizou as discussões em 6 subcategorias, quais sejam: Práticas educativas e os aspectos socioculturais das comunidades ribeirinhas; Dificuldades das práticas educativas nas comunidades ribeirinhas; Valorização das comunidades ribeirinhas nas práticas educativas; A cultura ribeirinha os Saberes populares e os Conhecimentos empíricos; A docência, a educação inclusiva, ambiental e o multisseriado das escolas ribeirinhas; e Proposta curricular. Ao fim, se percebeu que as práticas educativas são aspectos tangenciados por elementos de ordem financeira e sociocultural, articuladas as possibilidades de uma educação a partir da realidade do território.

Palavras-chave: Amazônia. Comunidades ribeirinhas. Práticas educativas. Culturas.

ABSTRACT

Inserted in the field of Cultural Studies, we seek to understand how the school educational practices of riverside populations relate to the cultural aspects of these communities. From a bibliographical literature review research on the CAPES periodicals website from 2017 to 2022, empirical material consisting of 12 articles was established for analysis. Using thematic analysis, discussions were organized into 6 subcategories, namely: Educational practices and sociocultural aspects of riverside communities; Difficulties in educational practices in riverside communities; Valuing riverside communities in educational practices; Riverine culture, popular knowledge and empirical knowledge; Teaching, inclusive and environmental education and multi-grade education in riverside schools; and Curriculum proposal. In the end, it was realized that educational practices are aspects touched by financial and sociocultural elements, articulating the possibilities of education based on the reality of the territory.

Keywords: Amazon. Riverside communities. Educational practices. Cultures.

RESUMEN

Insertados en el campo de los Estudios Culturales, buscamos comprender cómo las prácticas educativas escolares de las poblaciones ribereñas se relacionan con los aspectos culturales de estas comunidades. A partir de una investigación de revisión de literatura bibliográfica en el sitio web de periódicos de la CAPES de 2017 a 2022, se estableció para el análisis material empírico compuesto por 12 artículos. A partir del análisis temático, las discusiones se organizaron en 6 subcategorías, a saber: Prácticas educativas y aspectos socioculturales de las comunidades ribereñas; Dificultades en las prácticas educativas en comunidades ribereñas; Valoración de las comunidades ribereñas en las prácticas educativas; Cultura ribereña, saber popular y saber empírico; Docencia, educación inclusiva y ambiental y educación multigrado en escuelas ribereñas; y Propuesta curricular. Al final, se comprendió que las prácticas educativas son aspectos tocados por elementos económicos y socioculturales, articulando las posibilidades de la educación a partir de la realidad del territorio.

Palabras clave: Amazonas. Comunidades ribereñas. Prácticas educativas. Culturas.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda uma temática voltada para a educação na Amazônia rural ribeirinha, analisando alguns trabalhos que apontam em suas literaturas experiências e desafios da população nas comunidades escolares e seus vínculos com as escolas. Trabalhar na região ribeirinha é buscar dinâmicas capazes de interligar e integrar a educação aos saberes locais, uma vez que seus moradores fazem empenho em preservar suas histórias, hábitos, costumes, culturas, religião e estilo de vida para as futuras gerações, confirmando o que defende Canclini (2020, p.2) de que na América Latina há sempre contradições.

Assim, segundo o autor, a modernidade não substitui as tradições, mas elas coexistem (Canclini, 2020). Apesar da chegada da modernidade e tecnologia, há uma forte resistência ou adaptação a estes avanços em relação ao ambiente escolar das diversas comunidades ribeirinhas. O contato com os discentes, gestores, grupo de apoio e docentes, muitos com sentimento de incapacidade ao ensinar em suas salas multisseriadas, tornam o espaço ativador e enriquecedor (Leite, 2014).

Cabe destacar que a região Amazônica ocupa uma grande área no Brasil, se tornando a maior região no aspecto físico-geográfico. Sua grandeza e particularidade acolhe uma rica biodiversidade e por ter em seu contexto histórico uma colonização europeia voltada para a exploração tanto da mão de obra como da natureza, provocou sua expansão. Para Castro e Campos (2015, p.20) a cartografia produzida pela colonização europeia permite a leitura do processo de expansão territorial, esquadrinha as missões religiosas que se sucederam, lugares estratégicos de estabelecimento em fronteiras mais avançadas da ocupação colonial.

Logo, na necessidade de fugir dos maus tratos e buscar suas liberdades, índios, negros e até europeus iniciam uma saga adentrando matas e desbravando rios, lagos e igarapés, tendo como resultado sua formação populacional com uma variedade de grupos culturais com saberes, práticas, valores, costumes e mitos, surgindo aí os caboclos ribeirinhos, quilombolas, indígenas, extrativista, agricultores (Castro & Campos, 2015).

Logo, população ribeirinha é uma expressão usada para pessoas que moram em área próxima à rios e em sua maioria vivem nos Estados da região amazônica e possuem diversas peculiaridades em relação à população urbana local, a saber, geralmente moram em comunidades distantes umas das outras e das cidades, e suas composições são organizadas por núcleos familiares localizados ao longo das margens dos rios, lagos e igarapés. Essa população representa uma mistura de diferentes grupos sociais: indígenas, nordestinos, migrantes de outras regiões, dentre outros (Diegues, et al., 2000).

Por morar em áreas longínquas de moradores ribeirinhos, a população se prevalece dos recursos da natureza para a subsistência de suas famílias e tem como principal fonte de alimentos o extrativismo do açaí, da pesca, da caça, da agricultura e das criações de animais domésticos (Reis & Portugal, 2021). Quanto à economia, esta é movimentada pela venda de pescados, produtos agrícolas que muitas vezes são produzidos em certos períodos devido a sazonalidade que a região, porque são submetidos tipicamente às suas características, pois em sua maioria são áreas de várzeas, com períodos de cheias dos rios e períodos de estiagem, regulando assim as oportunidades de sobrevivência dos ribeirinhos.

E para construir uma proposta de educação em um país em que se caracteriza por sua grandeza, contrastes e diferenças, não apenas sociais, mas também naturais e geográficas, implica grande desafio. O Brasil é caracterizado pelo fato das classes mais pobres e com menor poder aquisitivo terem maiores dificuldades de desenvolvimento (Ribeiro, 2022).

Há vieses de diferenças marcado pela grande extensão territorial do país, ocasionando uma formação ampla em diversidade natural e formação histórica, também abrigando uma variedade cultural, o que traz evidências à promoção de múltiplos costumes. Este espaço tão ricamente marcado pelas diferenças, e também pelas desigualdades, se torna ao mesmo tempo profícuo e necessário para discussão e investigação no campo da educação.

Essas diferenças podem ser notadas quando se compara os dados referentes a educação. Tomando como base a taxa de analfabetismo por regiões, onde é notável essa disparidade. Nesse sentido se entende o quanto o Brasil é um país desigual, ressaltando, portanto, que na região Norte e Nordeste, essa diferença fica ainda mais evidente (Ribeiro, 2022).

Deste modo, este estudo teve como objetivo compreender como se relacionam as práticas educativas escolares de populações ribeirinhas com os aspectos culturais destas comunidades por meio de literatura científica disponível no site Periódicos CAPES no período de 2017 a 2022. A seguir, se apresenta o percurso metodológico da pesquisa para, adiante, apresentar as discussões sobre os resultados encontrados.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de natureza básica, abordagem qualitativa e do tipo bibliográfica. Se efetivou uma pesquisa de revisão da literatura no site do Portal de Periódicos CAPES. Os procedimentos seguiram o seguinte fluxo: 1º momento, identificação das palavras-chaves para a pesquisa; 2º momento, ler fontes secundárias para uma melhor compreensão do objeto de estudo; 3º momento, busca, seleção e exclusão dos artigos a comporem o corpus de análise; e por fim, o 4º momento, que foi a leitura de forma crítica e análises para atendimento do objetivo geral deste estudo.

Por constituir um nível elevado e consistente de evidências, a revisão de literatura foi escolhida por ser mais indicada para o andamento da pesquisa, os critérios utilizados foram o

processo de seleção, inclusão e revisão sistemática de artigos científicos. De forma que a revisão sistemática é uma modalidade de pesquisa, que segue protocolos específicos e busca dar alguma logicidade a um grande corpus documental (Galvão & Ricarte, 2019).

Em se contando que a análise dos artigos nos proporciona fatores, argumentos e resultados condizentes com o objeto de estudo, tal modo de pesquisa é capaz de fazer levantamento de dados confiáveis, além de identificar, produzir e conceituar cientificamente os textos e sua fidelidade à temática escolhida dando a real importância e condições de descrever os resultados. Nesse ínterim é que procura realizar um levantamento seguro dos dados, identificar possíveis lacunas, problemas e indicar as questões para um melhor aperfeiçoamento, assim como, apresentar uma avaliação crítica e apontar as possíveis sugestões tanto no aspecto positivo, como no aspecto negativo na compreensão do desenvolvimento das práticas educativas escolares da população ribeirinha e suas integrações socioculturais.

Para traçar o caminho a percorrer na pesquisa, a busca começou pelas palavras chaves “comunidade ribeirinha” AND “educação”, que apesar de virem em diferentes áreas a maioria das pesquisas referenciadas tratam de temas relacionados as palavras selecionadas, o que nos leva a começar um processo de trilhar caminhos que corresponda à nossa necessidade em relação ao tema. Diante desta busca, os resultados foram agrupados e selecionados em três grupos: os resultados gerais, os resultados de acordo com o tema proposto e a seleção dos que são ligados diretamente ao tema.

Para que o resultado fosse mais específico sobre o tema, foi usado as palavras-chaves dentro de aspas, resultando em 59 artigos. A partir deste resultado se começou um processo de filtragem, iniciando pelo item “periódicos revisados por pares”, resultando em 42 artigos.

Para que a pesquisa fosse de acordo com recomendação de estudos bibliográficos, foi realizado um filtro entre os anos de 2017 a 2022, resultando em 19 publicações.

De acordo com a leitura dos resumos dos 19 textos analisados, chegou-se à conclusão que 5 artigos não eram condizentes ao tema proposto, motivo pelo qual não foram inseridos para análise. Os motivos se deveram a: tratar de outra região do país que a não aquelas detidamente ribeirinha da Amazônia, e ter como objeto de estudo práticas de saúde e não escolares. Após a aplicação dos critérios de exclusão, se chegou a de artigos 12 artigos para análise e discussão, conforme abaixo:

Quadro 1 – Artigos selecionados para análise.

| Número do artigo | Ano | Título | Palavras chaves | Autores |
|------------------|------|--|---|--|
| 1º | 2019 | Educação em comunidades Amazônicas | Comunidades ribeirinhas. Educação. Figurações sociais | Gláucio Campo Gomes Matos; Maria Beatriz Rocha Ferreira. |
| 2º | 2018 | Educação do caboclo-ribeirinho: problematizações acerca do currículo escolar e seus desdobramentos nas escolas ribeirinhas | Educação. Currículo. Escolas Ribeirinhas. | Francisco Miguel da Silva de Oliveira; Alex Sandro Gomes Pessoa. |
| 3º | 2018 | A educação inclusiva em escolas multisseriadas do campo na Amazônia Paraense | Educação Especial. Educação do Campo. Escola multisseriada | Ronielson Santos das Mercês; Ivanilde Apoluceno de Oliveira. |
| 4º | | Relato de vivência de avaliação diagnóstica: O lúdico como ferramenta | Amazônia aprendizagem avaliação educação do campo | Mara Alves dos Santos; Angela dos Santos Costa. |

| | | | | |
|-----|------|---|---|--|
| | | | escola | |
| 5º | 2022 | Política Educacional para a Educação Básica e Ações Interculturais na Escola Quilombola | Política Educacional. Currículo. Educação Intercultural. | Marta Genú Soares; Hudson Pablo de Oliveira Bezerra; José Pereira de Melo. |
| 6º | 2018 | O diálogo entre o conhecimento escolar e o saber popular | Diversidade epistemológica Ecologia de saberes Saber popular | Edielso Manoel Mendes de Almeida ; Luiz Carlos Pinto de Holanda; Raira dos Santos Nunes. |
| 7º | 2020 | Escolas De Ontem E De Hoje Na Amazônia Paraense: Fissuras Em Prol Das Aprendizagens E Da Formação Docente | Contaçõ de histórias, Identidade, Aprendizagens, Mediação de leitura, Decolonialidade, Formação docente | França dos Santos Rodrigues; Isabel Cristina. |
| 8º | 2022 | Comunidade, escola e juventude: navegando pela história oral de vida de jovens de uma comunidade ribeirinha no Amazonas | EDUCATION & EDUCATIONAL RESEARCH | David Goes Ferreira |
| 9º | 2018 | Saberes docente sobre meio ambiente em uma comunidade ribeirinha da Amazônia amapaense | Saberes Educação ambiental. Professores | Raimunda Kelly Silva Gomes; Luiza Nakayama. |
| 10º | 2019 | Cultura Amazônia: da migração nordestina a sala de aula ribeirinha | Educação, Migração, Ribeirinho | Marcela Arantes Ribeiro |
| 11º | 2021 | Educação socioambiental na escola: olhares sustentáveis sobre os resíduos oriundos da pesca e mariscagem | Sustentabilidade; Resíduos sólidos; educação ambiental | Betânia Cristina Guilherme, et al. |
| 12º | 2019 | Atividades construtivistas diversificadas para introdução à Química: um estudo em uma escola da Amazônia ribeirinha | Diversificação de estratégias. Ensino de Química. Estratégias construtivistas | Jesus Cardoso Brabo; Vital Júnior de Oliveira Souza. |

Fonte: Os autores (2024).

Com vistas a atender o problema de pesquisa e os objetivos propostos a análise da pesquisa foi efetivada através do método de análise temática de conteúdo. A análise temática, segundo Bardin (2016), consiste em ser um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento que se aplicam a “discursos” (temas e continentes) extremamente diversificados.

No que tange a análise e discussão, foi utilizado como critério textos com o tema proposto através da leitura dos 12 artigos selecionados no site periódicos CAPES, fazendo a leitura dos textos e selecionando aqueles que contém conteúdo ligados aos desafios, dificuldades educacionais de alunos e professores das escolas nas comunidades ribeirinhas, a fim de relacionar e fazer um comparativo entre os diferentes locais de pesquisa, para entender quais as perspectivas educacionais dos alunos, suas famílias e professores em relação a escola, seus anseios sobre a função

social da instituição, assim como, sua organização e proposta pedagógica voltada para a realidade ribeirinha no contexto Amazônico.

No primeiro movimento os 12 artigos selecionados foram fichados em forma de relatório, seguindo um roteiro de identificação segundo seu objeto de estudo e objetivos. O segundo eixo foi dividido em categorias e, para uma melhor compreensão, foi fragmentado em duas partes. Na primeira parte os artigos foram organizados para atender a discussão de três temas: práticas educativas e os aspectos socioculturais das comunidades ribeirinhas, as dificuldades das práticas educativas nas comunidades ribeirinhas e a valorização das comunidades ribeirinhas nas práticas educativas. Nesta movimentação ele foi decomposto em seis subcategorias, quais sejam: práticas educativas e os aspectos socioculturais das comunidades ribeirinhas; as dificuldades das práticas educativas nas comunidades ribeirinhas; valorização das comunidades ribeirinhas nas práticas educativas; a cultura ribeirinha, os saberes populares e os conhecimentos empíricos; a docência, a educação inclusiva, ambiental e o multisseriado das escolas ribeirinhas; e a proposta curricular. Nesta conjuntura, de acordo com os temas citados, os doze artigos foram analisados, levando em consideração sua especificidade abordada e construídas as categorias de análise que se apresentam a seguir.

Buscar na literatura científica a proposta de compreensão do desenvolvimento das práticas educativas escolares desta população e suas integrações socioculturais, em consonância com as dificuldades vivenciadas trazendo reflexões e apontamentos de acordo com a temática apresentada e suas múltiplas particularidades é de extrema importância para o bom desempenho da análise textual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Práticas educativas e os aspectos socioculturais das comunidades ribeirinhas

Ao examinar as produções científicas aqui selecionadas como material empírico pode-se fazer uma análise e ter uma visão panorâmica de como são as práticas educativas e a interferências nos aspectos socioculturais da educação nas comunidades ribeirinhas, considerando suas especificidades e como a educação básica vem sendo abordada nestas comunidades que margeiam a região Amazônica em sua grandiosidade, rica em diversidade humana e acompanhada de uma pluralidade cultural.

Fazendo a leitura flutuante, ou seja, estabelecendo o primeiro contato com os artigos selecionados em busca de uma percepção acentuada dos conteúdos contidos em seu contexto geral, compreende-se que a região amazônica com suas particularidades geográficas e características peculiares nas áreas ribeirinhas, além de apresentar realidades únicas e uma cultura rica em saberes experiências próprias da região que devem ser consideradas nas escolas, precisa superar os desafios impostos, fazendo a inclusão de conhecimentos tradicionais dos povos destes locais. Para Matos e Rocha (2019, p. 368), o desafio na educação das comunidades ribeirinhas é considerar a importância do conhecimento da vida diária e introduzi-lo no conteúdo da educação institucionalizada. Pode-se entender que seguindo esta lógica, de fato acontecerá uma educação melhorando sua qualidade.

Após minuciosa investigação é pertinente pontuar o que os indicadores apontam que as escolas da região Amazônica, além de serem multisseriadas, possuem práticas pedagógicas voltadas para um currículo urbanocêntrico, a começar pela realidade exposta nos livros escolares, pautadas na realidade dos grandes centros urbanos, longe de suas realidades, assim como, mantém professores sem vínculos culturais com as comunidades e oriundos das cidades que não conseguem se adaptar na região, ou ainda, possuem vínculos políticos temporários, provocando um alto percentual de rodízio. Nesse sentido, de acordo com Gomes e Nakayama (2018), ao realizarem pesquisa com professores dessas localidades, indicam que os “professores comentaram que não conheciam a comunidades porque passavam o dia na escola e, no final da tarde, precisam estar

preparados para não perder a condução que os levariam para a balsa, para retornarem às suas residências na cidade (sede do Município de Santana)” (Gomes & Nakayama, 2018, p.137).

Para tal situação, sugere-se que as práticas pedagógicas das escolas ribeirinhas busquem alternativas no currículo que dê voz a diversidade ali encontrada, respeitando seus princípios socioculturais, políticos, econômicos, populacional, ambiental e as particularidades ali encontradas. Para Oliveira e Pessoa (2018) na escola ribeirinha se deve privilegiar novas formas do estudante se relacionar com o conhecimento, sempre no sentido de valorizar a identidade pessoal coletiva. Daí a importância de uma proposta de currículo escolar que contemple o modo de vida do caboclo ribeirinho.

Após todas estas singularidades, compreende-se que as práticas pedagógicas esperadas para a região ribeirinha dependem de um processo que incluam uma intencionalidade de fazer a integração da escola às realidades socioculturais, onde os saberes populares e os saberes científicos se conectem e interajam, que sejam considerados nas práticas curriculares, valorizando e resgatando o que os estudantes trazem consigo como frutos de suas vivências na sociedade local, fazendo com que a escola seja um lugar de mediação entre o cotidiano e o científico. Assim, se defende que a escola busque “Valorizar as relações com a comunidade, faz com que a escola confira ao ato educativo, respeite a identidade sociocultural e promova um projeto político cultural para a transformação social com a emancipação dos sujeitos construída no coletivo escola e da comunidade escolar” (Soares et al., 2022, p.639).

No contexto geral, as práticas de ensino devem ser trabalhadas nas escolas centradas na relação sociocultural que refletem a identidade da população ribeirinha, suas organizações, produções e trajetórias, contribuindo para o fortalecimento de suas identidades e territorialidades, abrindo visões para organização de projetos que promovam suas autonomias, visto que estão constantemente sujeitos a uma sociedade opressora e dominadora que impõe suas práticas curriculares pedagógicas de acordo com os seus interesses.

Por outro lado, os docentes que aceitam o desafio de desempenhar suas funções em uma escola ribeirinha têm papel fundamental de desenvolver práticas pedagógicas voltadas para a realidade local através de ações educativas com intuito de investir na formação de cidadãos críticos capazes de revolucionar e transformar o meio em que vive. Apesar da disponibilidade dos professores de aperfeiçoar essas práticas pedagógicas, estes não conseguem, pois, a composição da matriz curricular é estabelecida pelas Secretarias Municipais de Educação (SEMED), e são entregues no início do ano e devem ser trabalhados com os alunos. Tal como ocorrera em outro espaço educacional ribeirinho, em pesquisa realizada, esta é a realidade de forma generalizada nestes espaços.

Os saberes socialmente reconhecidos e legitimados pelo sistema municipal de educação do Afuá negam saberes oriundos da cultura ribeirinha. As vozes dos ribeirinhos são silenciadas e seus saberes não são dignos de entrarem na sala de aula, o que caracteriza uma colonialidade do saber (Almeida et al., 2018, p. 7).

É importante pontuar que a integração de conhecimentos tradicionais nos currículos das escolas ribeirinhas não consegue ter espaço no sistema, visto que enfrentam o desafio da rejeição em participar da construção de uma matriz curricular que visa o destaque de suas peculiaridades e suas características culturais na educação de sua região, fazendo sua inclusão e com isso provocar uma interdisciplinaridade, para desenvolvimento de competências e habilidades dos alunos.

As dificuldades das práticas educativas nas comunidades ribeirinhas

Quando se fala de práticas educativas nas comunidades ribeirinhas, é de comum acordo pontuar que ela enfrenta uma realidade diferente e possui uma variedade de características, considerando a grandeza da Amazônia e suas particularidades regionais. Segundo Santo e Costa

(2021, p.100, *apud* Amaral *et al.*,2013), as áreas conhecidas como campo possuem características próprias, principalmente as áreas localizadas na região Amazônica, que têm seu espaço natural característico determinado dependendo do Estado ou do Município em que esteja. Essas comunidades refletem os valores e fazeres dos povos que moram na floresta, no sertão ou em outros espaços dentro do território brasileiro.

No que se refere a educação da Região Amazônica e a predominância da educação rural, com destaque para a ribeirinha, os problemas são amplos e abrangentes, a falta de investimento é predominante na região. Logo, as dificuldades das práticas educativas são peculiares e constantes, ganhando uma maior proporção devido as dificuldades enfrentadas, além de que, estas comunidades têm um processo educacional sucateado, conforme Soares *et al.*, (2022. p. 647) nos afirma que “Quanto a educação e saúde, são de responsabilidade da rede municipal, no entanto, não existe na comunidade nenhuma estrutura de atendimento (creche, escola, unidade básica de saúde e outros), o que os obriga a se deslocarem em busca de atendimento em outras comunidades”.

Diante das adversidades impostas é viável ressaltar que por vezes há uma certa resistência educacional, visto que a educação ribeirinha é cercada de desafios, se tornando em determinados momentos objeto de disputa por parte do Estado. Por outro lado, para que o processo educacional ribeirinho tenha um direcionamento, se propõe que a população busque se fortalecer em lutas sociais que visem consonância com o Estado, mas defendendo o direito de respeitar sua identidade, seu processo histórico, superar a imputada inferiorização, suas concepções de futuro, seu posicionamento e a importância de uma educação voltada para seu contexto sociocultural. É nesse contexto que o “o multiculturalismo como movimento de educação, formação humana e transformação, nasce na rua, nos grupos sociais, essencialmente étnicos e negros, e por expressivo apoio de ONGs – Organizações não governamentais, e adentra a universidade num segundo momento” (SOARES *et al.*, 2022. p. 641).

A educação no âmbito ribeirinho, é analisada de várias maneiras, a começar pela dificuldade de deslocamento e condições socioeconômicas, que são fatores que marcam os desafios desta população no desenvolvimento das práticas educativas. Nestes aspectos percebe-se uma fragilidade, a contar pelo percentual de alunos matriculados e a entaves ocasionados nos períodos sazonais, segundo Oliveira e Pessoa (2018, p. 77). Além do mais, existem problemas que têm dificultado o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem significativos para os sujeitos dessa região. Entre os entaves percebidos destacam-se, por exemplo, crianças que trabalham coletando açaí para ajudar os pais na renda familiar. Essas crianças não se afastam definitivamente da escola, porém, a frequência e o rendimento escolar, na maioria das vezes, são baixos, além de outros fatores como localização e transporte.

Tomando como pressuposto que a escola é o lugar em que se desenvolvem as práticas educativas, este deve ser um lugar dinâmico, sério, competente e comprometido com o desempenho do aluno, onde o processo de ensino aprendizagem deve ser adequado a sua formação, seja ele urbano ou rural. A escola deve ser e estar preparada para receber o alunado, visto que ela é essencial para a construção da identidade pessoal ribeirinha, profissional e social e faz uma conexão entre professor e aluno, com produção de conteúdos respeitando seu caráter cotidiano, para que o aluno tenha condições de ter um pensamento e domínio crítico. Segundo Ribeiro (2019, p.180), a escola conduz a formação do indivíduo no coletivo mantendo uma afinidade no dia a dia entre os diversos grupos sociais existentes. O processo de escolarização é um período em que o aluno passa por um processo de formação considerando também a vivência em sociedade.

Outro fator essencial a organização escolar é que esta deve e precisa ter um alinhamento do currículo adequado com a realidade ribeirinha e suas particularidades, com a disponibilidade de materiais e ações pedagógicas que possam inserir o indivíduo na sociedade. Para Santos e Costa (2021, p.100), “o currículo deve ter ligação direta com universo dos alunos, para que, assim, o processo de ensino-aprendizagem conduza ao desenvolvimento de competências e de conhecimentos necessários aos alunos, tendo em vista uma formação sociocultural plena”. Em sua

maioria os espaços físicos escolares são muitos importantes para as comunidades ribeirinhas por serem espaços de discussões, reflexões, convívio, socialização, lazer e por vezes relações de intimidades e afetividades para alguns, visto que, por morarem distantes, usam os momentos escolares para tal manifestação.

De acordo com os registros seguintes, apontados na literatura, as escolas ribeirinhas no contexto amazônico possuem as mesmas características em relação ao prédio escolar, ausência de recursos necessários a educação, não tem apoio da esfera pública por não suprirem as necessidades básicas das escolas, contribuindo para o mal funcionamento escolar, interferindo diretamente nas ações pedagógicas necessárias, fazendo com que os desafios de desenvolver uma educação de qualidade seja a mínima possível. É nesse sentido que afirmar que “essas escolas apresentam um quadro precário de infraestrutura e de condições de trabalho pedagógico, que interfere no processo de escolarização de seu alunado” (Mercês & Oliveira, 2018, p. 420).

Os desafios destacados vão desde a falta de recursos para compra de materiais de limpeza, pedagógico, apoio pedagógico, energia elétrica, água potável, estrutura física, preparo acadêmico de professores, que muitas das vezes saem de uma faculdade direto para uma realidade ribeirinha, sem instrução ou qualquer apoio pedagógico condizente com a realidade que ele vai enfrentar. Esses desafios são potencializados na medida em que “a educação escolar em comunidades ribeirinhas envolve uma rede de significados, saberes e práticas sociais que tecem o movimento da construção da identidade dos estudantes amazônicas (Mercês & Oliveira, 2018, p. 420).

Vale ressaltar que as ações pedagógicas não se restringem a planejamentos e execução de aulas, elas ultrapassam as portas das escolas e chegam as realidades socioculturais, econômicas e principalmente geográficas que é uma particularidade local, a qual necessita de um calendário escolar totalmente adaptado, devido a variação climática da região. As peculiaridades climáticas do Amazonas fizeram reconhecer a necessidade de ajustes no calendário para melhor conduzir a educação escolarizada dos ribeirinhos. Nesse contexto, a “realidade mostra escolas situadas em áreas de várzeas e de terra firme. Nos ciclos das águas, no período da vazante, alguns rios, lagos e igarapés são de difícil navegação, comprometendo a acessibilidade à escola e fazendo aumentar a distância e o tempo” (Matos & Ferreira, 2019, p. 376).

Concluindo a análise sobre as dificuldades das práticas educativas nas comunidades ribeirinhas, constatou-se que as escolas ribeirinhas são caracterizadas como inferiores e atrasadas, sua grande importância e o que reflete para a comunidade são primordiais e chega-se a uma conclusão que, apesar das lutas para o desenvolvimento da educação, as comunidades ribeirinhas necessitam de melhorias na infraestrutura de suas escolas com ampliação, adequação e reformas. Investimentos na formação continuada para os professores e um quadro fixo na escola de todos os profissionais, transporte escolar seguro e um currículo voltado para o saber e cultura do aluno para desenvolvimento pleno, também são fundamentais para o seu desenvolvimento.

A valorização das comunidades ribeirinhas nas práticas educativas

Para entender a valorização das comunidades ribeirinhas nas práticas educativas, vamos fazer uma abordagem na construção das comunidades e a formação da população que vivem na região que são descendentes de europeus, indígenas, extrativistas, assentados, pescadores, agricultores familiares, colonos, imigrantes nordestinos, comunidades quilombolas e os ribeirinhos. Vale ressaltar que estas populações apresentam um diferencial por suas práticas e traços culturais resultantes de sua miscigenação. Os habitantes, ou “os amazônidas, representam uma miscigenação oriunda de diferentes grupos étnicos e vivem em condições *sui generis*, adaptados ao clima quente e úmido e ajustando-se às variações dos períodos de enchente e vazante do rio, e aos períodos da chuva e estiagem” (Matos & Ferreira, 2019, p.367).

Essas populações sempre viveram na invisibilidade, mas a partir de suas necessidades os aspectos sociopolíticos começam a aparecer, através de suas organizações políticas e movimentos

sociais formados pelos sindicatos em busca de reconhecimentos dos seus direitos com um olhar para a importância e valorização de suas vivências. Por morarem em lugares mais afastados, as particularidades em seus modos de vida são visivelmente notadas em vários aspectos que vão desde a maneira de como se relacionam com o território, uso da terra, manejo dos recursos naturais a suas relações sociais e de trabalho. Além disto, cabe referir que o “aspecto sociopolítico se manifesta de diversas formas, entre elas, as instituições que agregam os sujeitos ribeirinhos, como por exemplo, associações de pescadores, igrejas evangélicas e católicas, escolas, representações sindicais, partidos políticos, entre outras” (Oliveira & Pessoa, 2018, p.74).

No geral essas populações detém um saber nato do território amazônico, são conhecedoras do meio em que vivem, além de desenvolverem suas atividades, socioculturais, políticas e educacionais em concordância com a natureza respeitando o cenário ribeirinho e principalmente valorizando suas riquezas territoriais e ambientais. Em relação aos desafios no contexto educacional, enfrentam uma infinidade de situações a começar pela inclusão social, adaptações nas escolas, falta de materiais pedagógicos e principalmente a falta de estrutura física, assim como, descaso do poder público pela ausência de projetos e políticas públicas que abranjam as comunidades, principalmente as mais longínquas e de difícil acesso. Em relação ao aspecto sociocultural, este

é diversificado, sobretudo pelas relações que o ribeirinho estabelece com as águas e com a floresta. É bom destacar que todo modo de vida dessas populações é concebido a partir da grande influência da natureza. Quando se fala em cultura nessa região, não existe a possibilidade de descrevê-la sem fazer menção a esses elementos: o rio, a terra, a floresta e a lua. Toda relação de trabalho, transporte, alimentação e cura de doenças têm forte influência desses fatores (Oliveira & Pessoa, 2018, p. 75).

Nesta conjectura, observa-se que a população ribeirinha sofre uma certa discriminação, devido seu modo de vida, sua valorização aos credos culturais, organizações familiares. São resistentes a alguns parâmetros que a vida moderna impõe a sociedade, sofrem preconceito e por vezes são classificados como inaptos a sobrevivência na sociedade, mesmo assim, não se deixam abater, se organizam em comunidades geralmente formadas por famílias que vão casando e formando novos lares que ali criam, recriam e socializam os seus saberes, geralmente passados de gerações a gerações. Ali se forma o cidadão ribeirinho e desenvolve seus aspectos sociopolíticos, culturais e educacionais. Neste entorno, muitas vezes,

as peculiaridades locais, sumariamente descritas nesta seção, são ignoradas pela escola para favorecer um conhecimento prescrito e sem função social. Ao reconhecer esses elementos históricos e sociais, fica evidenciada a necessidade da condução de pesquisas no campo educacional que estejam engajadas na compreensão de processos formativos de forma comprometida com esta realidade (Oliveira & Pessoa, 2018, p. 75).

No que se refere ao contexto educacional, há grandes desafios enfrentados por esta população, principalmente no que se refere a inclusão social. As crianças que precisam de algum atendimento especial, não são atendidas pelo poder público por este não entender como casos relevantes. Além disto, neste contexto escolar, os professores não possuem capacitação para estas demandas específicas e de especialidades, logo, todos alunos são tratados de forma igual, sem respeito as suas particularidades. Para Mercês e Oliveira (2018, p. 426), “as escolas do campo funcionam com as mínimas condições de oferta da educação escolar para os alunos com deficiência do campo”. E sobre este tópico, ainda complementam Caiado et al. (2016, p. 16) que

para um aluno chegar à escola, nela permanecer e aprender precisam ser garantidas inúmeras e complexas condições. Principalmente quando é um aluno com deficiência em que as barreiras sociais de toda ordem impedem a convivência social e seu desenvolvimento. Com isso, conhecer

a realidade é fundamental para a formulação e implementação de propostas que promovam a superação dos desafios.

Outra situação são os desafios enfrentados no processo ensino aprendizagem impostas à população nas comunidades ribeirinhas. É uma educação voltada para os parâmetros urbanos, sem levar em consideração as identidades culturais no cotidiano destas populações e seus conhecimentos populares. É preciso considerar que o conhecimento científico e o popular podem caminhar lado a lado, pois são necessidades básicas para a compreensão do mundo na visão do povo ribeirinho, visto que o saber popular é o conhecimento adquirido ao longo dos anos, passando de gerações a gerações subsidiando as necessidades locais de uma comunidade em relação as práticas, valores e cultura, e o conhecimento científico evolui constantemente por suas práticas específicas de produção.

A cultura ribeirinha os saberes populares e os conhecimentos empíricos

Nesta seção, cabe iniciar pelo estudo de Matos e Ferreira (2019) que fazem uma abordagem sobre a importância e os desafios de introduzir conteúdo baseado nos saberes amazônicos, a partir de uma educação institucionalizada. Os autores fazem uma analogia entre a educação escolarizada e não escolarizada, onde a primeira se manifesta pelo cumprimento da grade curricular, carga horária, calendário respeitando horário e saída, levando em consideração as peculiaridades climáticas, mas, não levam em consideração as particularidades da realidade do conhecimento ancestral, enquanto que a educação não escolarizada é baseada na vida diária onde as famílias ensinam seus filhos no contexto da tradição, conforme a dinâmica de seus aspectos culturais.

Para Almeida et al. (2018), apesar do saber popular dialogar tanto vertical como horizontalmente com o conhecimento escolar, a educação colonizadora nega os saberes populares locais dos educandos ribeirinhos impondo o conhecimento escolarizado como uma única visão do mundo e da ciência. Na visão de Ferreira (2022) a identidade ribeirinha é evidenciada e construída nas relações sociais e culturais no cotidiano, experimentando o sentido da vida em comunidade, evidenciando que a escola é um barco que conduz o educando a melhoria de vida, mas desarticulada da realidade local, excluindo seus processos culturais vividos do currículo escolar.

De acordo com Ribeiro (2019) a escola deve tomar a iniciativa de desenvolver uma postura pedagógica voltada para as vivências dos alunos numa educação emancipada, compreendendo e valorizando os aspectos culturais, políticos e econômicos no processo ensino aprendizagem. Assim, analisando esta subcategoria, pode-se observar que os autores apesar de seus objetos de estudos serem a partir de diferentes localidades da região Amazônica como comunidades oriundas do Pará, Amapá, Rondônia e Amazonas, apresentam uma concordância no que tange ao tipo de educação oferecida às comunidades ribeirinhas. Em uma educação marcada pela exclusão onde muitos não tiveram acesso a escolarização, a falta de diálogos estimulando reflexões em busca de soluções que valorizem suas regionalidades e diversidades culturais negadas, enfim, a integração do processo dos saberes ribeirinhos aos conhecimentos escolares através de uma perspectiva descolonizadora seria uma forma de emancipá-los e adequar as suas realidades.

A docência, a educação inclusiva, ambiental e o multisseriado das escolas ribeirinhas

Com relação a esta subcategoria de análise, que trata da docência, educação ambiental e o multisseriado das escolas ribeirinhas, foram selecionados cinco artigos que dão suporte para analisar a categoria proposta. Mercês e Oliveira (2018) discorrem sobre a realidade das escolas em relação a precariedade de suas estruturas escolares, e abordam que falta aos docentes uma formação que os auxiliem na prática educativa e lhes oportunize condições de trabalho pedagógico, para atender as turmas multisseriadas, interferindo no aprendizado dos discentes e principalmente daqueles que precisam de uma educação especial. Já Rodrigues (2020) faz uma abordagem sobre as potencialidades e perspectivas na formação de docentes, para dinamizar a leitura no processo

ensino aprendizagem na Amazônia, considerando uma descolonização do modelo de educação ofertada.

Para Gomes e Nakayama (2018) os docentes devem estabelecer conexões entre teorias e práticas, abrangendo a realidade local ribeirinha, buscando entender suas percepções nas variadas áreas do conhecimento, principalmente suas reflexões e atitudes sobre o meio ambiente destas regiões, partindo do pressuposto que em sua pesquisa apenas dois moram na comunidade e os demais são moradores das cidades, e portanto, não são conhecedores da realidade local, são apenas ouvintes de uma pequena parcela dos problemas locais repassada pelos discentes. Enquanto que para Guilherme et al. (2021) a escola é um espaço para o desenvolvimento de competências e habilidades para a construção da formação do sujeito, que a partir de estímulos despertam as valorizações das práticas de reutilização de resíduos sólidos e uso de materiais sustentáveis.

E por fim, Brabo e Souza (2019) discorrem sobre a importância da Educação Ambiental, partindo do princípio de que os conhecimentos científicos em geral e químicos, em especial, podem auxiliar os alunos a lidarem com as questões da vida cotidiana, em questão de cuidado com saúde e compreensão do que os cercam, adotando métodos de ensino que apresentem estratégias alternativas de mudanças conceituais diferentes do que eles chamam de expositivo-memorístico.

Enfim, nesta categoria de análise os artigos se entrelaçam e discorrem sobre a necessidade de um aprimoramento na formação dos docentes que são designados a desempenhar suas atividades nas comunidades ribeirinhas, respeitando suas particularidades e ao mesmo tempo buscando estratégias didáticas em suas metodologias que possam levar os discentes a uma conscientização do meio natural, valorizando e buscando alternativas para as questões ambientais. Neste sentido, a escola é vista como um espaço potencial para o desenvolvimento das competências e habilidades na formação desse sujeito, e deve estar preparada em todos os sentidos, principalmente no que tange a estrutura física, relacionado as salas das turmas multisseriadas, organização pedagógica e amparo legal de seu alunado, respeitando o direito de uma educação inclusiva e o despertar de uma sensibilidade ambiental no contexto das escolas ribeirinhas.

Proposta curricular

A diversidade do homem amazônico está intimamente ligada ao contexto educacional, logo seu currículo requer uma abordagem consistente em sua riqueza cultural e social, uma vez que está diretamente ligada ao contexto ribeirinho e sua realidade local, como: rios, florestas, solos, saberes e variações culturais, sociais e econômicas. Partindo desta concepção, a Proposta Curricular é a categoria que fecha a análise geral da pesquisa. Para Oliveira e Pessoa (2018) é necessário explicar questões conceituais sobre currículos apontando discussões sobre as propostas vigentes relacionadas a interesses particulares e que estas estão diretamente ligadas a interesses de certos grupos sociais, sendo necessário verticalizar o currículo na educação através de uma convocação de pesquisadores que possam desenvolver propostas alinhadas a realidade sociais relevantes, visando uma educação de qualidade.

Para Santos e Costa (2021) o currículo deve ter ligação direta com o universo do aluno, só assim o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem pode ser direcionado a desenvolver competências e conhecimentos em uma formação sociocultural respeitando o ambiente natural, além de uma avaliação minuciosa de como estão ocorrendo os processos de ensino aprendizagem nas escolas rurais. Nesta conjuntura, Soares et al. (2022) também consideram a prática social e o cotidiano escolar como princípios educativos presentes na educação intercultural inseridos no currículo e no planejamento escolar, os quais devem dialogar e valorizar as culturas tal como está prevista nas competências gerais da BNCC.

Diante das constatações pautadas, observa-se que a demanda de construir um currículo voltado para a realidade ribeirinha é de grande importância e requer uma brevidade, se contando que ao longo da investigação constatou-se que as práticas pedagógicas aplicadas são de realidades

urbanas e inadequadas, pois não correspondem as necessidades de quem mora as margens de rios, rodeados de um ecossistema diferenciado com culturas, costumes, saberes e práticas socioeconômicas e socioculturais distintas. Por fim, cabe destacar que os municípios devem ter suporte de criarem seus currículos de acordo com sua realidade, principalmente em escolares do campo, que é o caso da educação ribeirinha, sendo amparados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996).

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo geral compreender como se relacionam as práticas educativas escolares de populações ribeirinhas com os aspectos culturais destas comunidades por meio de literatura científica disponível no site Periódicos CAPES no período de 2017 a 2022. O objetivo foi buscado considerando as produções encontradas a partir dos critérios metodológicos, e estas permitiram uma investigação pertinente à temática investigada.

Nas análises realizadas destaca-se que ampla maioria dos autores apresentam uma concordância no que se refere a educação oferecida às comunidades ribeirinhas, sendo marcada pela exclusão. O acesso a escolarização é restrito, existe a falta de diálogos estimulando reflexões em busca de soluções que valorizem suas regionalidades e diversidades culturais que são negadas, no sentido de integrar o processo dos saberes ribeirinhos aos conhecimentos escolares através de uma perspectiva descolonizadora, como forma de emancipá-los e adequar as suas realidades.

Além do mais, os autores reiteram a necessidade de aprimoramento na formação dos docentes que são designados a desempenhar suas atividades nas comunidades ribeirinhas, respeitando suas particularidades onde as estratégias didáticas dos docentes são relevantes para uma conscientização do meio natural em busca de alternativas para as questões ambientais. Assim, a escola é um espaço legal para o desenvolvimento das competências e habilidades na formação do ribeirinho e deve estar preparada em todos os sentidos desde a estrutura predial a organização pedagógica, respeitando o direito de uma educação inclusiva e o despertar da sensibilidade ambiental no contexto das escolas ribeirinhas.

Nesta conjectura, levando em conta as inúmeras particularidades das populações ribeirinhas, que vai desde a grandeza da região Amazônica acompanhadas de uma ampla diversidade tanto nos aspectos naturais quanto nos aspectos culturais, é pertinente pontuar a necessidade de políticas educacionais voltadas para sua realidade local, oportunizando e valorizando seus saberes e diversidades socioculturais, desenvolvendo práticas pedagógicas voltada para suas realidades. Além do mais, é preciso frisar sobre a necessidade de os órgãos responsáveis oferecerem condições necessárias para o desempenho das atividades dos docentes e gestores, dando suporte na estrutura física no prédio escolar, materiais e cursos de formações.

E por fim, no que se refere a análise curricular, observa-se a demanda de construir um currículo voltado para a realidade ribeirinha em brevidade, pois, constatou-se que as práticas pedagógicas aplicadas são pautadas nas realidades urbanas e inadequadas a realidades ribeirinhas devido suas culturas, costumes, saberes e práticas socioeconômicas e socioculturais distintas.

Investigar a educação no contexto ribeirinho foi um grande aprendizado, que unido as próprias experiências nos oportunizou a uma reflexão que evidencia a educação numa prática assistencialista, onde suas culturas, saberes, experiências socioculturais são ignoradas pela proposta curricular ofertada. Assim, determina um tipo de educação que não atende aos seus interesses, estando fora de seus contextos.

Nesta circunstância sugere-se uma proposta de reestruturação no currículo, ajustado de acordo com o interesse da comunidade, transformando em uma educação voltada para sua identidade local, valorizando sua prática sociocultural, saberes, articulando suas experiências de vida com as práticas educacionais escolarizadas.

Contribuições dos Autores: Leite, N. C.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual; Manske, G. S.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual; Oliveira, P. R. M.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

Aprovação Ética: Não aplicável.

Agradecimentos: Não aplicável.

REFERÊNCIAS

- Almeida, E. M. M., Holanda, L. C. P., & Nunes, R. S. (2018). O diálogo entre o conhecimento escolar e o saber popular. *Revista Educação, Cultura e Sociedade*, 8(1), 295-310. <https://doi.org/10.30681/ecs.v8i1.3052>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Brabo, J. C., & Souza, V. J. O. (2019) Atividades construtivistas diversificadas para introdução à química: um estudo em uma escola da Amazônia ribeirinha. *RBECEM*, 2(1), 25-43. <https://doi.org/10.5335/rbecm.v2i1.9121>
- Brasil. (1996). Lei de diretrizes e base da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF.
- Caiado, K. R. M., & Gonçalves T. G. G. L. (2014). O transporte escolar público para os alunos do campo com necessidades educacionais especiais. *Teoria e Prática da Educação*, 17(1), 119-130.
- Canclini, N. G. (2011) *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp.
- Castro, E.; Campos, Í. (2015). *Formação socioeconômica da Amazônia*. Belém: NAEA.
- Diegues, A. C., Arruda, R. S. V., Silva, V. C. F., Figols, F. A. B., & Andrade, D. (2000). Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo.
- Ferreira, D. G. (2022). Comunidade, escola e juventude: navegando pela história oral de vida de jovens de uma comunidade ribeirinha no Amazonas. *Revista Brasileira de Educação*, 27 e270017.
- Galvão, M. C. B., & Ricarte, I. L. M. (2019). *Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação* São Paulo: USP, UNICAMP.
- Gomes, R. K. S., Nakayama, L. (2018). Saberes docente sobre meio ambiente em uma comunidade ribeirinha da Amazônia amapaense. *Pesquisa em Educação Ambiental*, 12(2) 127-140.
- Guilherme, B. C., Silva, J. L. C., Morais, R. N., Costa, J., Vidal-Campello, J. M. A., & Costa, W. M. (2021). Educação socioambiental na escola: olhares sustentáveis sobre os resíduos oriundos da pesca e mariscação. *Revista Brasileira de Meio Ambiente*, 9(1), 176-188.
- Leite, C. P. C., & Cunha, S. R. (2014) Vida de educador do campo: as condições de trabalho docente e as interfaces com a organização do tempo-espaço da prática pedagógica. *Revista Maré*, 38(30), 1-11.
- Matos, G. C. G., & Ferreira, M. B. R. (2019). Educação em comunidades amazônicas. *Revista de Educação*, 24(3), e4604.
- Mercês, R. S., & Oliveira, I. A. (2018). A educação inclusiva em escolas multisseriadas do campo na Amazônia paraense. *Interfaces da Educação*, 9(27), 418-442.
- Oliveira, F. M. S., & Pessoa, A. S. G. (2018). Educação do caboclo ribeirinho: problematizações acerca do currículo escolar e seus desdobramentos nas escolas ribeirinhas. Presidente Prudente: Colloquium Humanarum.
- Reis, M. H. S. (2021) Características da população ribeirinha de um município do interior do Amazonas. Manaus: Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Coari – AM; Centro Universitário do Norte (UNINORTE).

Ribeiro, S. J. (2022). Relato de experiências sobre os desafios de professores em escolas ribeirinhas da área de várzea da zona rural do município de Parintins-AM. Parintins: Universidade do Estado do Amazonas.

Rodrigues, I. C. F. S. (2020). Escolas de ontem e de hoje na amazônia paraense: fissuras em prol das aprendizagens e da formação docente. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura*, 15(33), 224-241.

Santos, M. A., & Costa, A. Dos S. (2021). Relato de vivência de avaliação diagnóstica: o lúdico como ferramenta. *Educação Infantil Online*, 1(1), 100-110.

Soares, M. G., Bezerra, H. P. O., & Melo, J. P. (2022). Política educacional para a educação básica e ações interculturais na escola quilombola. *Interfaces da Educação*, 13(37), 637-654.

Recebido: 2 de maio de 2024 | **Aceito:** 12 de outubro de 2024 | **Publicado:** 31 de dezembro de 2024



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.